

UM APANHADO SOBRE REMANESCENTES DE ENGENHOS ALAGOANOS LOCALIZADOS NO ENTORNO DA LAGOA MANGUABA

Débora Pereira Vita¹

Luana Kézia Monteiro Medeiros²

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Os engenhos foram complexos importantes para a colonização do Brasil e com forte influência para o nosso estado. Estes núcleos constituíam-se como conjunto de subsistência, cujas necessidades poderiam ser supridas e oferecidas no próprio conjunto. Além disso, a principal finalidade destes foi a produção e comercialização do açúcar que movimentou a economia do país bem o setor em Alagoas. Durante um grande período estes núcleos tiveram seu apogeu, porém posteriormente com os avanços e necessidades em adotar sistemas tecnológicos estes complexos caíram em declínio. Considerando a influência destes sob a construção da nossa identidade esta investigação objetiva averiguar os elementos materiais de engenhos remanescentes em Alagoas sob a ótica de exemplares localizados no entorno da lagoa Manguaba, região que teve importantes modelos açucareiros. Para tanto o trabalho apresenta uma compilação que envolve as referências bibliográficas e as percepções de campo que tecem e revelam sobre a conformidade dos engenhos investigados.

PALAVRAS-CHAVE

Fábricas de Açúcar. Engenhos de Alagoas. Patrimônio.

ABSTRACT

The engenhos were complexes important for the colonization of Brazil and with strong influence for our state. These nuclei constituted as subsistence set, whose needs could be supplied and offered in the set itself. In addition, the main purpose of these was the production and commercialization of sugar that moved the economy of the country as well as in Alagoas. During a great period these nuclei had their apogee but later with the advances and technological necessities these complexes fell in decline. Considering their influence under the construction of our identity, this investigation aims to investigate the material elements of the remaining engenhos in Alagoas from the perspective of specimens located near the Manguaba lagoon, a region that had important sugar models. For this the work presents a compilation that involves the bibliographic references and the perceptions of field that weave and reveal about the conformity of the investigated devices.

KEYWORDS

Sugar Factories. Engenhos of Alagoas. Patrimony.

1 INTRODUÇÃO

O nascimento dos engenhos de açúcar no Brasil no século XVI nos deixou um legado econômico e patrimonial que vai além da construção material e industrial, atingindo, também, a esfera do imaterial. Autores que tratam da estrutura edificada destes modelos são recorrentes em afirmar que esses conjuntos eram compostos por quatro principais construções: casa-grande, capela, fábrica e senzala.

Esta é a postura de Gilberto Freyre, por exemplo, que intitula seu mais importante livro, *Casa-grande & Senzala*, destacando os dois espaços arquitetônicos de maior contraposição no contexto dos engenhos. Foram, portanto, a casa-grande e a senzala os elementos arquitetônicos responsáveis pelas funções do habitar no engenho.

Diéguas Junior (2006), outro autor de referência fundamental para entender a sociedade dos engenhos afirma veemente de que é no engenho que se dá a formação da família alagoana: onde ela nasce, cresce e morre. Tem no senhor de engenho o suporte da família patriarcal.

É a família que preside a vida social da região alagoana. Preside na casa-grande, com seus alpendres acolhedores, com suas mesas fartas e cheias, com suas redes espalhadas pelos pilares; preside também na capela através das cerimônias religiosas: os batizados, os casamentos, os mês-de-maio, os enterros, as missas dominicais. Gira em torno da família – das famílias

de engenho – não só a organização social de Alagoas como também a existência de toda a população demográfica dos bangües e de suas vizinhanças. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 196).

As comemorações e ritos celebrados nos interiores das capelas acompanhavam a trajetória humana dos moradores dos engenhos: missas, batizados, casamentos e funerais, ou seja, momentos alegres e festivos à convergência de tristezas e luto. O autor ainda comenta essas estruturas e em seguida descreve sobre como se apresentavam seus modelos em Alagoas.

Não são capelas tristes ou fúnebres essas; ao contrário: na alvura de suas paredes, há um encanto a destacar. Entre altas palmeiras ou cercadas de arvores, ciprestes, fruteiras, as capelas dos engenhos oferecem um aspecto de doçura; têm um lirismo ingênuo; caracterizam a paisagem geográfica com o seu colorido. [...] Quem percorre o norte alagoano encontra aqui e ali simples capelas; raras ou nenhuma as capelas majestosas, imponentes [...]. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 215).

Sobre as fábricas propriamente ditas, Raphael Bluteau faz uma descrição através das sensações afloradas no testemunho do duro processo da produção:

Engenho de Açúcar. [...] Bem recebida foy, aquella breve, & difereta definição de, quem chamou a hum engenho de açúcar; doce inferno. E verdadeyramente, quem vir na efeuridade da noyte aquellas fomalhas tremendas, perpetuamente ardentes; labaredas, que eſtãofahindo a borbotens de cada huma pelas duas bocas, ou ventas, por onde refpirão o incêndio: os Ethyopes, ou Cyclopes, banhados em fuor, fãõ negros, como robuftos, que fubminiftrato a groffa, & dura matéria ao fogo; & os forcados, com que o revolvem & atiçãõ; as caldeyras ou lagos ferventes, com os cachoensfempre batidos, & rebatidos, já vomitando efcumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, & tomando-os a chover, para outra vez os exalar o ruído das rodas, das cadeas, da gente da côr toda da mefmanoyte, trabalhando vivamente, & gemendo, tudo ao mefmo tempo fem momento de tregoa, nem de defcanso, quem vir emfim toda a machina, aparato confufo, & eftrondofo d'aquella Babylonia, não poderá duvidar, ainda que tenha vífto, Ethnas, & Vefuvios, que hehumafemelhança de inferno. Vieira, Tom. 5 515. (BLUTEAU, 1712-1721, p. 118-119).

Sabe-se que a arquitetura dos complexos de açúcar do Nordeste no decorrer do tempo sofreu intensas intervenções que acompanharam os processos de moder-

nização dessas indústrias até o seu completo abandono ou reuso. Atualmente o que restou dessas estruturas é muito escasso. O que se pretende apresentar neste trabalho é o resultado do tempo em detrimento da gestão material dos antigos engenhos alagoanos localizados no entorno da lagoa Manguaba.

A forma de apresentação do trabalho foi estruturada inicialmente para uma introdução sobre o engenho com destaque para seus complexos edificadas, acentuando suas conformidades. Posteriormente, uma apresentação dos remanescentes do entorno da lagoa Manguaba, relacionando suas estruturas materiais com os relatos e afirmações encontradas nas principais referências bibliográficas sobre o tema.

Dessa forma, tentou-se apresentar a temática por meio da articulação direta entre os dados e referenciais teóricos com o material resultante do empirismo e assimilação ressaltados pela realidade encontrada em campo.

2 OS “BANGÜÊS” DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR EM ALAGOAS

Os engenhos de açúcar também foram conhecidos como “bangüês”. Este era o nome dado a um artefato semelhante a um estrado em cipó trançado, que tinha a função de transportar o bagaço, ou seja, os resíduos resultantes da moagem da cana. Ainda auxiliavam no transporte dos pães de açúcar, que se constituíam das fôrmas, que recebiam o caldo resultante da etapa de cozimento, por onde escoava e resultava o granulado do açúcar. O nome engenho também designou a moenda, propriamente dita, cuja origem advém da palavra engenhosa que é traduzida como um “[...] mecanismo habilidoso e astuto, cujo funcionamento dependia de uma engrenagem à base de encaixes” (QUINTAS, 2007, p. 74).

Como já mencionado os engenhos era formados por quatro principais elementos: casa-grande, capela, fábrica e senzala.

[...] A última colina já se some e vemos despontar ao longe tetos acinzentados. A alta chaminé que os domina lança para o céu seu ramalhete de fumaça. A planície se desenrola a nossos pés, os canaviais se estendem a perder de vista: invadem terras outrora pantanosas, saneadas agora pelo trabalho de numerosas gerações; revestem os montículos de contornos arredondados; mergulham nas várzeas onde as árvores que ainda permanecem de pé lhes disputam o terreno; elevam-se mesmo nos declives abruptos das colinas, em meio de blocos de rochedo e de troncos enegrecidos pelo fogo. (VAUTHIER, 1975, p. 77).

Além de referenciada nas bibliografias essas estruturas compositivas dos engenhos puderam ser comprovadas na leitura imagética das pinturas de Frans Post. Quando Maurício de Nassau foi convidado para governar a capitania de Pernambuco, em 1637, Frans Post fez parte da comitiva que o acompanhou, tornando-se um dos

primeiros pintores a registrar a paisagem brasileira. Seus quadros costumavam retratar a natureza dos trópicos. Para tanto, empregava-se, como em qualquer obra de arte, além da técnica, a liberdade e a originalidade, atribuições do próprio talento do artista. Ao mesmo tempo, considerando o pacto da pintura holandesa com o registro fiel ao real, agregava-se à pintura um caráter documental.

É comum constatar em seus quadros o registro do conjunto do engenho, já que eles compunham a paisagem seiscentista e representavam o modelo econômico que motivou a invasão das terras pelos batavos. Observando, portanto, uma imagem de *Post*, percebe-se que o engenho repousa sobre a paisagem. O pintor destaca as edificações esparsas no terreno, com certa distância entre elas, mostra os tipos arbóreos, as diferenças de nível de terreno e um curso hídrico ao fundo do panorama, que se comunica com o afastado conjunto de construções.

Figura 1 – Representação de um engenho, por Frans Post

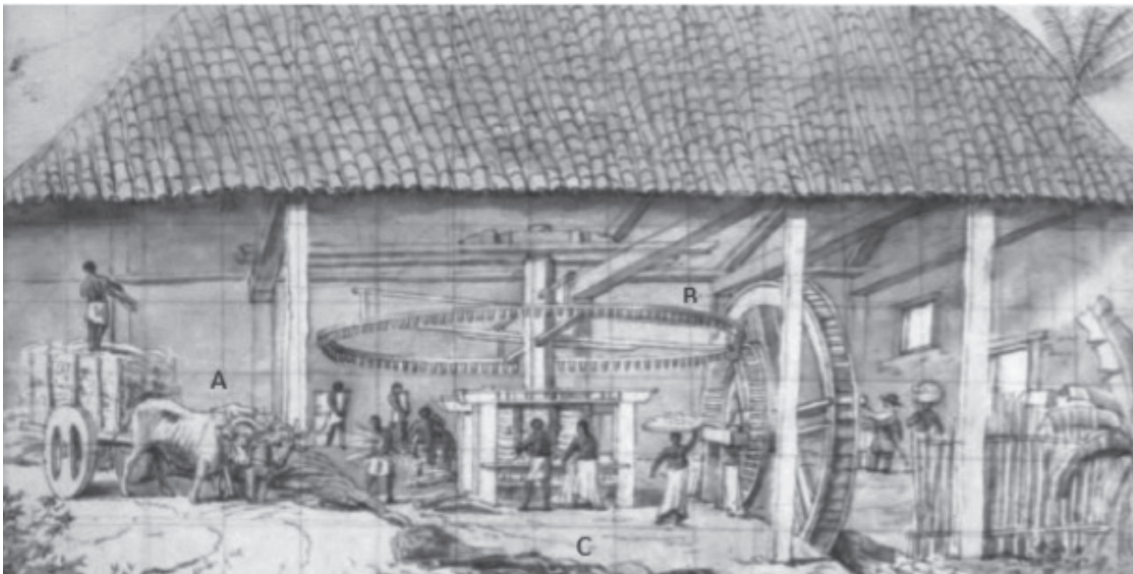


Fonte: Lago (2007).

Desde os fins do século XVI, o desenvolvimento econômico da colônia portuguesa acompanhava o aumento do número de engenhos que se construía no Brasil, fato que ressalta a importância da economia açucareira (SANT'ANA 2011, p. 229-230). Em termos quantitativos, de acordo com o mesmo autor, citando um relatório holandês de 1639, existiam 16 engenhos no território do atual Estado de Alagoas, os quais apenas nove deles eram moentes. Em 1730 o número subiu para 47, de acordo com Duarte Sodré Pereira, e em 1897 chegavam a 993 engenhos, incluindo as engenhocas de fabricar rapadura.

Em virtude da máxima desses núcleos que se detinham a produzir o açúcar a fábrica é considerada como a principal edificação dos engenhos, devendo corresponder aos investimentos garantidos para a máxima produção. A fábrica tinha uma configuração que devia ser suficiente para abrigar a estrutura da força motriz do engenho, fosse ele movido por roda d'água, conhecidos como engenhos d'água, ou tração animal, denominados engenhos trapiches.

Figura 2 – Representação de um engenho movido por roda d'água por Frans Post



Fonte: Lago (2007).

Ao considerar que Marechal Deodoro foi e ainda se caracteriza como região de produção de açúcar e que a extensão da lagoa Manguaba, constituía seu território nos primeiros séculos coloniais, o recorte espacial deste trabalho restringiu-se a exemplares remanescentes localizados nessa região.

3 OS REMANESCENTES DE ENGENHOS NO ENTORNO DA LAGOA MANGUABA

Nas primeiras décadas do século XIX, o açúcar desfruta de nova prosperidade decorrente dos progressos da tecnologia, com destaque para a introdução da cana caiana e de uma nova técnica que origina o engenho a vapor. A inserção do vapor na economia açucareira pernambucana, data do ano de 1815, porém não teve a disseminação esperada e em Alagoas surgiram apenas nos meados do século XIX. De acordo com Diégues Júnior (2006), citando o depoimento de Tollenare, o engenho a vapor demandava maior consumo de lenha e os custos com a manutenção do maquinismo eram mais altos porque as peças eram importadas.

A decadência do bangüê em Alagoas acarretou o abandono das indústrias de açúcar e ocasionou o declínio das estruturas desses complexos, agravada ainda pela abolição da escravatura, que afastou o trabalho escravo empregado na agricultura e na produção do açúcar.

Com essa certeza em mente partiu-se para uma averiguação de remanescentes de engenhos em Alagoas, com intuito de conhecer sua conformidade e integridade em virtude do desuso dessas estruturas, enquanto núcleos produtores de açúcar.

Como esta pesquisa tem parceria com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem que atualmente desenvolve uma linha de investigação voltada para o mesmo

foco de estudo deste trabalho, ou seja, o engenho, a seleção dos exemplares partiu de um conjunto de 28 modelos, identificados em projetos anteriores pelo Grupo citado, em 2009.

Tabela 1 – Grupo de 28 engenhos alagoanos identificados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em 2009

Grupo dos 28 engenhos alagoanos apresentados em projeto anterior			
Colté	Oiteiro	Grajaú ou Gorjaú de Cima	Rosário
Boca da Caixa	Lamarão ou Lameirão	Pau Brasil	Mundaú
Campina	Ilha	Hortelã	Salgado
Gravatá	Galhofa	Grajaú ou Gorjaú de Baixo	Varrela
Cumbe	Camurupim	Prata	Flor do Paraíba
Maria Senhora da Encarnação ou Garça Torta	Jequiá do Fogo	Boacica	Brejo
Furado	Lama	Gurgarema ou Gurganema de Baixo	Novo

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2009).

O número de engenhos considerados íntegros para os estudos nessa região indica a importância dela para a cultura da cana e para a produção do açúcar. Tendo se estabelecido como um dos polos colonizadores do território alagoano, junto a Porto Calvo e Penedo, a região de Alagoas do Sul abarcava a área das lagoas Mundaú e Manguaba e se apresentava como favorável para a implantação dos engenhos.

Dos vinte oito exemplares identificados previamente pelo projeto acima citado, foram aprofundados neste trabalho o estudo de quatro modelos que se constituíram como os mais interessantes do ponto de vista investigativo. Estes se encontram nas proximidades da lagoa Manguaba e estão implantados em terrenos que pertencem à cidade de Pilar, distante cerca de 40km da capital Maceió.

Os subitens do próximo capítulo tentam demonstrar as percepções e averiguações encontradas em campo a partir de visita realizada em conjunto com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem bem como com pesquisadores da Unit/AL que investigam o mesmo objeto de estudo.

3.1 ENGENHO GRAJAÚ DE CIMA

Pela conservação dos seus elementos edificados, assim como de alguns equipamentos de caráter fabril é que se optou pelo estudo do engenho Grajaú de Cima. Este exemplar de engenho mantém a casa-grande, capela, fábrica, casa de trabalhadores, galpão com maquinário e casa de farinha. Dessa forma, esse modelo apresenta os remanescentes de outras edificações, além do quarteto tido como principal mencionado anteriormente.

Sua implantação ocorreu em área de grande extensão, com pouca declividade, onde se destacam os caminhos de acesso que direcionam aos elementos edificados, localizados razoavelmente distantes uns dos outros. Na imagem, entre os elementos que formam o engenho Grajaú de Cima, podemos destacar o açude.

Figura 3 – Vista aérea do conjunto do engenho Grajaú de Cima, Pilar AL. 1) Casa de trabalhadores. 2) Capela. 3) Casa-grande. 4) Galpão com maquinário. 5) Casa de farinha. 6) Antiga fábrica. Em destaque o açude



Fonte: Adaptado de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>.

Em campo não foi possível acessar o interior da casa-grande, pois ela estava fechada. Analisando a conformação externa deste edifício do engenho, a casa apresenta dois pavimentos, com varandas nos dois pisos. No térreo apresenta dois acessos

pela fachada frontal e no andar superior expõe um acesso pela fachada principal. O piso superior pode ser acessado por escada localizada na lateral do prédio com acesso sem coberta e encontra-se em bom estado de conservação.

Figura 4 – Registro da Casa-grande do Engenho Grajaú de Cima, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Assim como a casa-grande, não foi possível acessar o interior da capela do engenho Grajaú de Cima. Uma análise sobre a conformação do prédio indica que a capela é constituída em nave única, com acesso principal na fachada frontal. O frontão, como também todo o exterior do edifício, encontra-se em bom estado de conservação.

Figura 5 – Registro da Capela do Engenho Grajaú de Cima, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

A antiga fábrica atualmente está sendo utilizada como curral para os bois da propriedade e conserva o bueiro. Considerado como elemento marcante da paisagem do engenho à época de funcionamento das fábricas de açúcar, esse elemento se destaca no cenário deste exemplar.

Figura 6 – Registro da fábrica do Engenho Grajaú de Cima, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

O processo da industrialização do açúcar acontecia por meio de três etapas: moagem da cana, cozimento do caldo e purga. O primeiro passo consistia em extrair o caldo da cana-de-açúcar por meio da moenda do engenho. Esta podia ser movida por uma roda d'água ou por tração animal, como já mencionado.

O passo seguinte à moagem consistia na condução do caldo à casa das caldeiras, para ser cozido, por meio de tachas de cobre, em número de quatro ou cinco, aquecidas em sua parte inferior com fogo a lenha. Durante o processo de cozimento, o açúcar se submetia à limpeza do caldo cru, evaporação do caldo limpo, purificação do caldo evaporado, no qual se retiravam os resíduos de folhas e bagaço, para enfim resultar em um suco com cristais de açúcar e mel.

A presença de um bueiro, compondo o prédio das fábricas de açúcar dos engenhos indicam que o exemplar produzia o caldo do açúcar, por meio da utilização do trem jamaicano, que constava de uma fornalha com várias bocas onde a primeira boca era aquecida com o calor e por meio de um túnel, que afunilava até chegar ao bueiro, transmitia o calor às outras bocas e tachas (GOMES, 2006, p. 42).

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d'água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande. (RÊGO, 2010, p. 30).

Quanto as casas de moradores do engenho Grajaú de Cima estas são avistadas no primeiro plano visual do acesso ao exemplar. Enfileiradas elas parecem guardar a propriedade. Estruturalmente apresentam construção em alvenaria, constatação que nos direciona a pensar que se trata de construções recentes, pois sabemos que as casas de moradores e senzalas dos antigos núcleos dos bangues apresentavam estrutura precária e que não se conservou com o tempo. Mas acredita-se que a localização das atuais casas de moradores apresenta a mesma posição da possível senzala no engenho Grajaú de Cima.

Figura 7 – Registro de casa de moradores do Engenho Grajaú de Cima, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Quanto às outras instalações, compõe ainda a paisagem deste exemplar um antigo galpão, localizado à alguns metros de distância da fábrica, e conserva em seu interior restos de máquinas que *a priori* não é possível precisar se eram utilizadas na produção do açúcar. Em outra edificação podemos constatar o maquinário de uma antiga casa de farinha sucateado e abandonado. Constatamos ainda um ponto hídrico que os moradores chamam de açude e que pode ter sido recurso para a moagem da fabricação do açúcar.

3.2 ENGENHO GRAJAÚ DE BAIXO

De acordo com as referências bibliográficas algumas fábricas de engenhos estavam localizadas próximas a rios, no caso dos movidos à roda d'água, permitindo que passasse pela construção o curso d'água que fazia girá-la.

Segundo Diéguas Júnior (2006), nos meados do século XVIII existiam três tipos de engenho d'água: o copeiro, meio copeiro e o rasteiro. Quando a água necessária para movimentar a moenda era captada pelo alto, denominava-se engenho copeiro e exigia menor volume líquido em comparação com os outros dois tipos. Quando a água caía sobre a roda com pouca ou mesma altura que a moenda se chamava engenho meio copeiro e precisava de um pouco mais de volume de água para fazer

mover a roda. Já para o engenho rasteiro era necessária grande quantidade de água porque nesse caso ela era captada de um ponto mais baixo que a moenda (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 42-43).

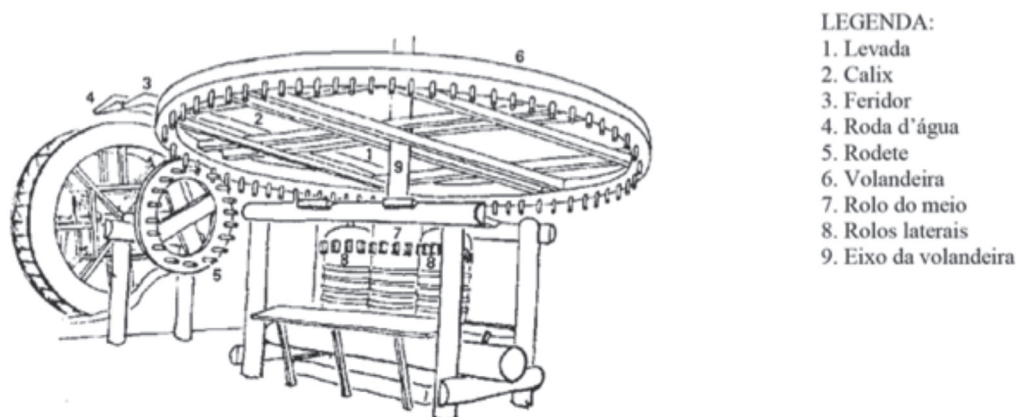
O engenho Grajaú de Baixo também está localizado em Pilar e não muito distante do Grajaú de Cima. Como o exemplar não tem conservado nenhum dos edifícios que compunham seu núcleo o acesso e identificação é bastante difícil. Porém ele mantém, o que não foi possível encontrar nos outros exemplares visitados, a roda d'água.

A roda-d'água era a preferida pelos senhores de engenho, e muitas chegaram até o século XX, pois a aceitação do vapor d'água como força motriz não foi tácita. [...] A produção de um engenho a roda-d'água chegava a dobrar em relação àquele movido por animais. (GOMES, 2006, p. 33).

Este elemento foi de extrema importância para a fabricação do açúcar pois realizava a moagem da cana, como já mencionado e sua presença no exemplar indica que provavelmente o Grajaú de Baixo foi um engenho que moía cana por roda d'água.

Segundo André João Antonil (2007) em 1711, as moendas mais antigas eram constituídas por três rolos ligados um ao lado do outro, composto por chapas de ferro dentadas para o encaixe. O rolo central estava conectado a um eixo de madeira, em formato de roda, que, ao girar, fazia-o também os rolos unidos um ao outro, primeiro o do centro, depois os dois laterais. A cana-de-açúcar era assim, espremida entre os rolos para extrair seu sumo, que passado pelos outros processos gerava o açúcar.

Figura 8 – Partes da moenda



Fonte: Adaptado de Gama (1983).

A roda d'água do engenho Grajaú de Baixo mantém-se firme em meio à mata fechada, tomada por trepadeiras e rodeada por árvores e pedras. A dificuldade de acesso, os imprevistos e os animais soltos não anularam a beleza e a sensação de persistência que emanava deste elemento determinante para a produção do açúcar.

Figura 9 – Registro da roda d'água do engenho Grajaú de Baixo, Pilar, AL



Fonte: Acervo da pesquisa.

3.3 ENGENHO LAMARÃO

A averiguação no engenho Lamarão, localizado às margens da lagoa Manguba, ocorreu em virtude de apresentar bom estado de conservação e com elementos arquitetônicos íntegros. Utilizando imagem do *Google Maps*, podemos visualizar os elementos construtivos e sua implantação no terreno. Este exemplar conserva a casa-grande, a capela e a casa de trabalhadores.

Como vemos na imagem abaixo, seus elementos construídos localizam-se nas extremidades dos terrenos do engenho, criando um espaço livre no centro do conjunto.

Figura 10 – Vista do conjunto edificado do engenho Lamarão localizado em Pilar - AL.1) Casa-grande. 2) Casa de trabalhadores ou senzala. 3) Capela



Fonte: Adaptada de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>.

Entre os exemplares visitados na região, apesar de não conservar o prédio da antiga fábrica, podemos considerar o engenho Lamarão como o mais preservado, pois permitiu a completa noção de espaço e localização das diferentes áreas que compunham o antigo terreno do engenho. Essa manutenção talvez tenha relação com o fato de ter-se atribuído novo uso a propriedade. Atualmente pessoas podem realizar a locação do engenho para as mais distintas comemorações, como festas, casamentos e batizados.

A capela do engenho Lamarão foi reformada recentemente para sediar o casamento de um membro da família e, apesar das mudanças estruturais que sofreu ao longo do tempo, mantém sua arquitetura principal preservada.

Quanto à presença quase constante das capelas nos núcleos dos engenhos acredita-se na justificativa da autonomia destes conjuntos. É aguardada, considerando que a maioria dos habitantes da colônia professava a religião católica, a existência da capela nos engenhos. Assumia assim um papel importante no complexo socioeconômico dos conjuntos, tratada como um símbolo a que se devia obediência (GOMES, 2006, p. 167).

Geralmente os engenhos adotavam um santo como protetor e a presença da capela servia para guardar esse divino. A fé movia o cotidiano e estava relacionada a toda e qualquer atividade destes conjuntos. As festas da botada e da peja, por exemplo, eram festas de início e finalização da moagem na fábrica, porém sua programação era marcada por atividades de cunho religioso que intercedia pela boa produção da safra.

Sobre o fato dessas estruturas se manterem conservadas, Gomes (2006) cita o fato delas serem construídas em material resistente, o que pode explicar a sua constatação em campo, ainda atualmente.

A força e a estabilidade da Igreja no campo eram incontestáveis. E isto, de certa forma, se reflete nos materiais empregados na construção das capelas rurais. A iconografia holandesa nos mostra vários tipos de capelas e nenhuma delas parece ter sido construída em taipa, como algumas casas-grandes. (GOMES, 2006, p. 171).

A capela do engenho Lamarão constitui-se em nave única, apresentando coro elevado com piso em madeira, cujas escadas estão localizadas externamente, nas laterais do edifício, que levam às sineiras, uma em cada lado da construção. Expõe um sino somente na torre da lateral esquerda.

Figura 11 – Registro da capela do Engenho Lamarão, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Quanto ao interior da capela deste exemplar, este apresenta dois altares, um principal e outro lateral, com a presença marcante de adornos decorados com a presença de imagens de santos. Atualmente a edificação é utilizada na realização de eventos de cunho religioso, principalmente casamentos.

A casa-grande do Lamarão apresenta telhado em duas águas, alpendres lateral e frontal, sustentados por colunas que marcam a extensão da varanda. A edificação sofreu reforma para ampliação de andar superior que aproveitou a altura do pé direito estabelecido pela edificação original. O seu interior foi decorado com mobiliário antigo.

Figura 12 – Registro da casa-grande do Engenho Lamarão, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Pela sua conservação, por estar mobiliada e em uso foi possível imaginar como era a vida cotidiana desse espaço. O piso em ladrilho é combinado com o mobiliário de época com destaque para o piano localizado no ambiente de sala de estar. Esse clima possibilitou a sensação de imersão na história. Com a maioria dos revestimentos preservada, a casa-grande apresenta fácil identificação dos seus cômodos e função. Dessa forma foi possível conjecturar sobre o uso, zoneamento e circulação dos seus espaços à época de efervescência dos engenhos.

Figura 13 – Registro de interiores da casa-grande do Engenho Lamarão, Pilar, AL. Corredor e sala de estar com destaque para o piano



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Destacamos ainda no engenho Lamarão uma piscina construída e que recebe água da nascente que corta a propriedade e, mais ao fundo, complementando a paisagem a lagoa Manguaba. Neste exemplar foi possível também compreender como as casas dos trabalhadores auxiliavam a vida destes núcleos. Os esboços de onde, um dia, foi a senzala e, mais recente, a construção de uma vila para abrigar os moradores ainda se conserva. Histórias sobre a vida e alguns fatos que se desenrolaram na propriedade ainda podem ser ouvidos pelos mais antigos funcionários da propriedade.

3.4 ENGENHO NOVO

O Engenho Novo também está localizado na cidade de Pilar e conserva a casa-grande, a capela anexa a casa, a fábrica, casas de moradores e algumas outras edificações as quais não foi possível identificar, mas que hoje estão sendo utilizadas como currais.

Figura 14 – Vista aérea do conjunto do engenho Novo, Pilar - AL. 1) Antiga fábrica. 2) Casa-grande. 3) Capela. 4) Casa de trabalhadores. Destaque para caminho de acesso à cidade de Pilar



Fonte: Adaptada de <https://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&tab=ml>

Em campo não foi possível acessar o interior da casa-grande do engenho Novo. Analisando sua conformidade externa apresenta um acesso principal localizado na fachada principal. Apresenta na frente e em suas laterais, alpendres de dimensões razoáveis. O nível da casa é mais alto em relação ao nível do jardim e o acesso se faz por lances de escadas alocadas na posição frontal da edificação.

Figura 15 – Casa-grande do Engenho Novo, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Os estudos imagéticos, assim como algumas descrições em bibliografias levam a considerar a casa-grande como elemento material do engenho sob o ponto de vista da grandiosidade. Esta, na maioria dos exemplares consultados, está posicionada em ponto mais elevado do terreno com vistas à fábrica e apresenta arquitetura significativa.

Eventualmente a capela podia aparecer como um cômodo anexo a casa-grande, como acontece no engenho Novo. Não foi possível acessar o interior da capela porque assim como a casa, estava fechada. Analisando sua conformidade externa apresenta acesso na fachada principal e aparentemente constitui-se em nave única. O frontão apresenta adornos com pintura pouco desgastada fato que diferencia esta edificação dos outros elementos materiais, não parece conservada.

Figura 16 – Capela do Engenho Novo, Pilar, AL



Fonte: Acervo da Pesquisa.

A fábrica do engenho Novo também estava fechada e encontra-se bastante deteriorada. Apesar da má conservação foi possível perceber as divisões internas da edificação e imaginar onde acontecia cada etapa da fabricação do açúcar. O telhado de um desses cômodos apresenta perigo de desabamento.

Outro elemento de destaque neste conjunto é a casa de trabalhadores. Estas apresentam estado de conservação razoável, também alguns funcionários da propriedade residem nelas. As casas estão alinhadas e são geminadas e assim como acontece no Grajaú de Cima parecem proteger o restante do terreno, pois aparecem no primeiro plano de acesso ao engenho.

Existem ainda outros três galpões alocados pela extensão do terreno da propriedade que atualmente são utilizados como currais. Sobre estes ainda não foi possível identificar sua função em tempos remotos.

4 CONCLUSÃO

Com a concretização deste trabalho foi possível concluir que, considerando o quadro de engenhos levantados pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em pesquisa de 2009, existem ainda muitos remanescentes de engenhos em Alagoas que não puderam ser contemplados para este estudo. Porém, o número de exemplares aqui apresentados pode representar a provável situação destes em detrimento do abandono e da não manutenção destes conjuntos.

Porém apesar da situação de abandono e não valorização do patrimônio material, imaterial e industrial que estes núcleos carregam, suas ruínas, arquitetura, paisagem e moradores têm ocupado, de acordo com necessidades específicas, seus espaços. Com a pouca visualização sobre as dependências antigas as percepções e descrições das bibliografias ajudam a conjecturar a espacialidade destes núcleos, assim como nos ajudam a contar sobre a história desse legado que tem relação direta com a colonização do nosso estado.

Isso somente é possível, pois estamos nos comprometendo em investigar o tema, ou seja, os campos investigativos estão nos permitindo fazer a relação com os tempos remotos. É um tanto quanto lamentável que a comunidade não tenha esse entendimento. Nos perguntamos: Será que os locatários do engenho Lamação enquanto estão desfrutando de sua festa de casamento e ocupando a capela, por exemplo, sabem ou pensam sobre a festa da peja que encerravam a moagem da safra dos engenhos? Ou sobre como aquele terreiro era ocupado em dias de festa em tempos remotos? Nosso comprometimento enquanto pesquisadores é de tentar repassar esse conhecimento acadêmico à comunidade do engenho. Talvez assim o reuso desses locais deixem de ser, em sua quase totalidade, utilizados como currais.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas etc [1711]**. São Paulo: Edusp, 2007.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. v. 3v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O bangüe nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional. Maceió: EDUFAL, 2006.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O engenho de açúcar no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Geraldo. **Engenho e arquitetura**. Recife: Fundaj/ Ed. Massangana, 2006.

QUINTAS, Fátima (org.). **A civilização do açúcar**. Recife: Sebrae/ Fundação Gilberto Freyre, 2007.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição a história do açúcar em Alagoas**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/ CEPAL, 2011.

VAUTHIER, Louis Léger. **Arquitetura Civil I**. São Paulo: FAUUSP/ MEC IPHAN, 1975.

Data do recebimento: 5 de agosto de 2018

Data da avaliação: 17 de dezembro de 2018

Data de aceite: 4 de fevereiro de 2019

1 Mestre em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UFAL (2013); Tecnóloga em Design de Interiores pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL (2008); Professora e Coordenadora do curso de Tecnologia em Design de Interiores do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: debora_pereira@l.unit.br

2 Graduanda e pesquisadora de Iniciação Científica do curso de Tecnologia em Design de Interiores do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: luanamedeiros894@gmail.com

